ISSN 1984-7122

Ano 4 | # 1 | edição semestral | junho de 2012

Revista editada pela **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom**

Atravessar é mais importante que chegar

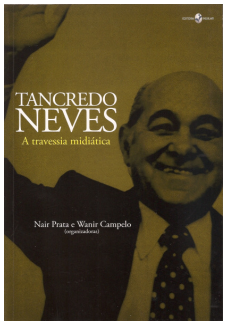
Livro reúne, por meio das reflexões de 26 comunicadores sociais, uma síntese dos passos do político Tancredo Neves que o levariam ao Palácio do Planalto sob o olhar dos meios de comunicação da década de 80

PRATA, Nair, CAMPELO, Wanir (Orgs.) **Tancredo Neves:** a travessia midiática.

Florianópolis, SC: Insular, 2011. 352p.

ISBN: 978-85-7474-583-1

Luciano Andrade Ribeiro[1]



A República Federativa do Brasil, promulgada em 1889, completa, neste 2012, 123 anos. Parece pouco tempo, sobretudo se comparado à longevidade de outros países republicanos americanos ou europeus. Apesar disso, a história brasileira viveu o suficiente para conhecer a "dor e a delícia de ser o que é". Afinal de contas, preconiza o senso comum, política é como uma nuvem, sempre em mutação.

Após 21 anos de iniciada a vida republicana, nasceu, em São João Del-Rei, Tancredo Neves, um sujeito político que, durante 49 anos de vida pública, seria protagonista de grandes eventos da metade do século XX no Brasil. Assumir esse papel de destaque diante de tantos acontecimentos políticos era tarefa árdua, que exigia um excelente discurso, capaz da firmeza comum aos íntegros e da flexibilidade comum aos sagazes.

[1] Luciano Andrade Ribeiro, jornalista (PUC-MG, 1998), especialista em Língua Portuguesa (UEMG, 1999) e mestre em Mídia & Conhecimento (UFSC, 2002). Atualmente, é professor da Faculdade Pitágoras, do Centro Universitário UNA e da Faculdade de Administração de Empresas (FEAD).

Entender essa capacidade camaleônica pelos críticos olhares de comunicadores sociais é a tarefa de *Tancredo Neves - a travessia midiática* (Insular, 2011, 352 páginas), organizado pelas jornalistas e professoras Nair Prata e Wanir Campelo. Por meio de 17 artigos, 26 autores detalham como foi desafiador compreender o discurso daquele homem destinado a mudar o jeito de se fazer política no Brasil.

Quem dera fosse possível falar de toda a vida de Tancredo Neves em 352 páginas. Talvez, por isso, tantas obras - impressas e eletrônicas - foram lançadas nos dois últimos anos, em função do aniversário de 25 anos de morte dele. Todas elas visavam a uma só meta: perenizar a figura humana que, desde muito cedo, soube se colocar sujeito de uma história e fazer das conseqüências de seus atos motivo maior para querer ser sempre mais.

Perspicaz como ele só, Tancredo foi capaz de fazer da conciliação uma forma de arte e, talvez por isso, sempre esteve do lado certo. Eleito vereador de São João Del Rey em 1936, o então advogado e promotor de Justiça não imaginava que chegaria ao cargo de presidente da República. Porém, a rampa do Palácio do Planalto, sede do Executivo Federal, só o veria subir já morto, vítima de um corpo debilitado após várias cirurgias para tratar uma diverticulite.

Sociedade civil, imprensa e todo poder instituído se calaram diante daquela interrupção de vida do homem que, em 1954, foi ministro da Justiça de Getúlio Vargas; que negociou, após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, a criação do regime parlamentarista e se fez primeiro-ministro do presidente João Goulart; e que, em 1964, como líder do Governo na Câmara dos Deputados, fez forte oposição ao Golpe Militar que estava para ser instalado.

Analisar esse assombro brasileiro diante da morte daquele que se fez sujeito da própria história – alavancado por uma intensa cobertura de todos os veículos de comunicação – é cumprido à risca por *Tancredo Neves: a travessia midiática*. Este sujeito que apareceu, mobilizou uma consciência nacional e saiu de cena tinha um objetivo, e o cumpriu pela linguagem.

Escutar esta linguagem e crer na existência do inconsciente ali materializado foi a tarefa dos jornalistas que, diante daquele divisor de águas da vida política brasileira – já que o Regime Militar estava prestes a terminar com a entrada de um presidente civil após 20

anos –, registravam uma nova era para um país de dimensões continentais, mas ciente de sua pequenez mundial.

O poeta Affonso Romano de Sant'Anna soube ilustrar bem aquela realidade por meio de palavras: "Dorme, Presidente, dorme enfim/ Ouvindo essa oração/ Que do comício amarelo-azul das praças/ Ficou uma verde lição:/- o que a vida não pode dar/ Talvez a morte dê a essa nação".

Quem está, hoje, com mais de 50 anos tem, nesta obra, a certeza de ter vivido momentos marcantes da história do Brasil. Quem, ainda, está abaixo dos 40 terá, nas mãos, uma referência importante e sem vínculos ideológicos sobre um político que soube costurar uma trajetória honrada e disposto a fazer o que é certo.

Mesmo o movimento das "Diretas Já" não tendo concretizado o seu objetivo, a vitória, dentro do Colégio Eleitoral, possibilitado, apenas, pelo bem querer de uma ditadura militar, garantiu a Tancredo o legado de ter desbravado novos e possíveis caminhos. Resgatar isso pela memória de jornalistas coadjuvantes daquele momento faz mais legítima a máxima de Gabriel Garcia Márquez de que "a vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la".

Os 17 artigos reunidos no livro *Tancredo Neves – A travessia midiática* podem ser agrupados por temáticas. Três textos discutem especificamente, a questão do mito: *Tancredo Neves em três tempos: ascensão, martírio e glorificação*, de Rogério Martins de Souza; *Meios e mitos: a morte e as mortes de Tancredo Neves*, de Maria Beatriz Bretas, Maria Céres Castro, Vanessa Padrão Paiva e Vera Regina França Veiga e *Tancredo Neves: um mito emoldurado por palavras*, de Ângela de Moura, Luciana Praxedes e Luciano Andrade Ribeiro.

Quatro artigos têm a TV ou o rádio como pano de fundo: *Telejornalismo e Tancredo Neves: o mito entre a morte, o legado e a redenção*, de Cássia Louro Palha; *A morte de Tancredo Neves, imitações narrativas da TV e memórias duradouras do público*, de Marialva Barbosa; *Tancredo Neves: a agonia e a morte do presidente pelas ondas da Rádio Itatiaia*, de Nair Prata e *Da Liberdade ao Planalto: a travessia de Tancredo Neves em seus múltiplos tons*, de Wanir Campelo.

Três trabalhos refletem, especificamente, sobre a questão política e seus vários desdobramentos: *Tancredo Neves, a transição e o PT*, de Gelsom Rozentino de Almeida; *Tancredo e as liturgias políticas na transição brasileira***,** de Heloiza Matos e *A propaganda política através da imprensa na eleição de Tancredo Neves para Presidente do Brasil*, de Adolpho Queiroz e Hebe Gonçalves.

Dois textos buscam entender o papel dos jornalistas em dois campos distintos – a cobertura dos acontecimentos e a identidade mineira: *Da internação à morte de Tancredo Neves: o olhar dos jornalistas que participaram da cobertura em quatro centros geográficos*, de Sônia Pessoa e *Como Tancredo Neves reforçou a construção da identidade mineira, sob o ponto de vista da imprensa*, de Maria Cláudia Santos.

Gesner Duarte traz a revista Veja para esta discussão midiática com o texto *O herói conciliador: a construção da imagem de Tancredo Neves na revista Veja (1982-1985)*, enquanto Graziela Mello Vianna reflete sobre o papel da música no artigo *Dura Travessia: a importância da música popular na mobilização pelas Diretas Já e na comoção pela morte de Tancredo Neves*.

Adriana dos Santos, Gerson de Sousa, Marlon Pinheiro e Mirna Tônus focam sua pesquisa numa região específica de Minas Gerais, com o texto *Tancredo e a mídia: análise da visibilidade midiática de Tancredo Neves na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Por fim, dois trabalhos buscam análises mais amplas do objeto do livro: *Para além do acontecimento midiático*, de Telma Johnson e *Tempos de perplexidade*, de Eduardo Costa.